

## **A AVALIAÇÃO HOJE: O QUE CONSIDERAR DURANTE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**Ivo José Both**

Centro Universitário Internacional – UNINTER  
ivo.b@uninter.com

**Luana Priscila Wunsch**

Centro Universitário Internacional – UNINTER  
luana.w@uninter.com

**Siderly do Carmo Dahle de Almeida**

Centro Universitário Internacional – UNINTER  
siderly.a@uninter.com

### **Resumo**

Ao tomar em consideração o atual cenário da formação inicial do futuro docente brasileiro da educação básica, o estudo apresentado integra as discussões envolvendo três projetos de pesquisas com temáticas que destacam a avaliação educacional, a formação e as práticas dos docentes na Educação Básica. Ao ter como objetivo central analisar quais são, ou deveriam ser, os principais suportes para que haja uma atualização dos processos avaliativos tendo como foco a formação inicial do docente para a educação básica, o que aqui se apresenta é uma análise comparativa de materiais didáticos utilizados na disciplina de avaliação educacional do curso de Pedagogia a distância, de uma instituição de educação superior, localizada em Curitiba, Brasil, aplicados nas atividades entre os anos 2014 e 2018. Assim, por meio da questão chave: o que um professor tem que saber para avaliar o processo de aprendizagem de seus alunos na educação básica, foi possível verificar, entre as perspectivas que foram alteradas na disciplina neste período, que os futuros docentes devem saber que a avaliação dos seus alunos não ocorre apenas presencialmente em sala de aula, que a aprendizagem dos seus alunos pode ser um processo democrático, o que é inclusão e cidadania e a reconhecer os recursos mais adequados para prática na educação básica. Já, entre as perspectivas que continuam iguais, saber que a avaliação é um processo contínuo, que o professor é um mediador do processo de avaliação e que os alunos podem reconhecer seu processo avaliativo.



**Palavras-chave:** Avaliação; Formação Inicial Docente; Práticas na Educação Básica.

### **Abstract**

Taking into account the current scenario of the initial formation of the future Brazilian teacher of basic education, the present study integrates the discussions involving three research projects with themes that highlight the educational evaluation, the training and the practices of the teachers in Basic Education. In order to analyze what are or should be the main supports for an update of the evaluation processes focusing on the initial training of teachers for basic education, what is presented here is a comparative analysis of didactic materials used in the discipline of educational evaluation of the distance education course of an institution of higher education, located in Curitiba, Brazil, applied in the activities between the years 2014 and 2018. Thus, through the key question: what a teacher has to know to evaluate the learning process of their students in basic education, it was possible to verify, among the perspectives that were changed in the discipline in this period, that future teachers should know that the evaluation of their students does not occur only in person in the classroom, which the learning of its students can be a democratic process, what is inclusion and citizenship and recognize the most appropriate resources for practice in basic education. Among the perspectives that remain the same, to know that assessment is an ongoing process, that the teacher is a mediator of the evaluation process and that students can recognize their evaluation process.

**Keywords:** Evaluation; Initial Teacher Training; Practices in Basic Education.

### **Introdução**

Repetência é uma das causas, senão de afastamento perene, mas, muitas vezes por tempo prolongado, que preocupa em alto grau, pais, sociedade e autoridades governamentais, pois, tal fato, além de onerar os cofres públicos e comprometer a renda familiar, igualmente faz refletir sobre o nível de qualidade da formação dos formadores dos estudantes nessa situação.

Em outras palavras, o elevado índice de repetentes anualmente revelado permite levar a refletir sobre o seguinte jargão já de domínio público: ou o professor não ensina a contento ou o aluno sente dificuldades na compreensão e na assimilação de conhecimentos.



Ao falar da formação inicial do professor do século XXI, uma das principais problemáticas emergentes é a questão da qualidade da aprendizagem do futuro profissional. No cenário atual, alguns estudos (Galvão, Ponte, Jonis, Faria, Chagas, Kullberg & Henriques, 2018) destacam que os avanços qualitativos estão, efetivamente, em desenhar propostas inovadoras perante a articulação de fatores como colaboração, autonomia, interatividade, reflexividade e contextualização face às tecnologias e novos modelos de comunicação entre os professores, formadores de professores e alunos, assim como, professores iniciantes.

Observa-se a necessidade em se investir na apropriação de linguagens e recursos no sentido de que se possam utilizar novas estruturas de acordo com o desenvolvimento de distintas competências (Wunsch & Fernandes Junior, 2018). No entanto, para que isso possa ocorrer, é importante que se estabeleçam os princípios que chamam a atenção para a transformação da educação, envolvendo a rápida evolução de ambientes de aprendizagem sem fronteiras para repensar o papel dos professores nos dias atuais (UNESCO, 2011).

Assim, pode-se dizer que a inovação vem de um repensar da prática atual decorrente da detecção de problemas ou de mudança de perspectiva causada pelo confronto com experiências alternativas ou teorias que desafiam e exigem a revisão das ideias e das concepções anteriores do que é ser um professor. E, perante a formação do docente, a reflexão torna-se ainda mais necessária e produtiva quando pensa-se na proximidade das experiências que servem como referência para os programas formativos a ponto de serem relacionadas com a medição desse processo como garantia de uma boa orientação de projetos inovadores (Leite & Zabalza, 2012).

Neste quadro, para Esteves (2010), a definição de qualidade depende de valores que são vertidos nas finalidades, metas e objetivos que se assume na formação de professores. Para esta autora, para que haja qualidade é necessário pensar em ações que defendam o que as metas formuladas propuseram que deva existir na relação entre a esfera de ação a que se reporta e a sociedade.

Portanto, sobre a formação inicial docente, diversas dimensões na questão da qualidade são comuns (Wunsch, 2013): (i) participação ativa dos estudantes no contexto da sua formação, (ii) percepção do papel do professor universitário no contexto da formação, (iii) transmissão dos conteúdos de ensino, (iv) inserção das tecnologias e (v) avaliação das aprendizagens dos alunos e das instituições como um todo (trabalho docente, estrutura, etc.). Isto vem ao encontro das orientações da

OCDE (2006) sobre a relação da qualidade da formação do professor e sua prática futura, quando esta organização afirma que “a qualidade dos professores e a forma como ensinam é o ponto mais importante para explicar os resultados dos alunos” (p.12).

Neste cenário, o presente estudo tem por objetivo analisar quais são, ou deveriam ser, os principais suportes para que haja uma atualização dos processos avaliativos, tendo como foco a formação inicial do docente para a educação básica.

### **A Avaliação no Cenário da Formação Inicial do Docente da Educação Básica**

A afirmação de avaliar de forma permanente vem bem a propósito de um processo de delinear, obter e utilizar as informações descritivas de modo a orientar e relatar ao público interessado os trajetos já traçados e os que ainda podem ser percorridos (Both, 2012), cujas bases surgem como um forte pressuposto a ser analisado ao considerarmos o atual cenário nacional brasileiro no que diz respeito a avaliação, seja na educação básica, seja em nível superior e mesmo na pós-graduação.

Tais bases não são novas nas pesquisas na área educacional, nos posicionamentos de Stufflebeam (2000), já se percebe que a avaliação deveria ser fonte de informações constantes para a realimentação dos envolvidos no processo, de modo a garantir a qualidade das aprendizagens, na época apenas relatada dos alunos, mas por que não agora ser relacionada, inclusive, a dos professores?

Scriven (2003) inclui na avaliação o “valor e o mérito dos processos avaliativos”, dando a sensação de que o avaliar poderia ser algo como os sentidos para um processo de ensino, sendo a ambiência para o desenvolvimento de um processo numa perspectiva formativa que precisa ser planejada e organizada para o exercício das ações que tem o ponto de partida em saber onde desejamos chegar em termos da formação do educando, para vir a ser melhor. Para compreender e atuar adequadamente em avaliação da aprendizagem, necessitamos iniciar por esse ponto de partida.

Ao refletir sobre avaliação especificamente em cursos que formam futuros professores, que em termos gerais são constituídos de elementos como objetivos de aprendizagem, critérios, instrumentos e feedback, é de extrema relevância ter clareza de que “não é fácil operar na prática de forma coerente com os pressupostos de uma



avaliação a serviço da aprendizagem” (Cappelletti, 2007, p. 53), fato este que destaca a importância da avaliação não apenas ser um tópico curricular a ser ensinado durante a formação inicial, mas como deve estar intrínseca nos processos cotidianos desta formação, a partir de uma concepção que possa ser desenvolvida de modo a cooperar com a aprendizagem do futuro professor, levando tanto os formadores quanto os formandos ao aprimoramento das ações propostas e à tomada de decisões educacionais.

É importante, assim, ressaltar que a avaliação do futuro professor, quando bem conduzida e integrada no processo de aprendizagem, pode contribuir muito para que o estudante aprenda mais e melhor e, além disso, aprenda a pensar, aprenda a aprender, aprenda a ser crítico, construtivo e desenvolva a capacidade de controle de sua própria aprendizagem no sentido do seu engrandecimento como ser humano e como cidadão (Valadares & Moreira, 2009).

Toda avaliação almeja, ou deveria almejar, a reflexão no trabalho, utilizando-se do conceito do que deveria ser seguida de uma ação para corrigir ou melhorar os resultados. Este seria um dos pressupostos base para elevar os indicadores de qualquer curso universitário. Contudo, quando destacamos cursos que formarão professores, logo, profissionais que deverão conhecer profundamente os processos avaliativos, isso ganha destaque.

Nesta perspectiva, diversos autores conceituam o termo avaliação de acordo com suas experiências e filosofias, tais como

*“O termo avaliar é formulado a partir das determinações da conduta de atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso da ação que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato, ou curso de ação avaliado”. (Luckesi, 1998, p. 10)*

Segundo o autor, a avaliação não se limita no julgamento da qualidade ou valor em relação ao objeto avaliado, mas deve ser seguida de uma ação que determinará o próximo passo. Afinal, é certo que a avaliação atinge subáreas da educação,

Assim, em um cenário de formação para a pesquisa, a avaliação educacional não deveria ser apenas um campo de teorias, processos e métodos específicos, mas também um campo abrangente que comporta subáreas, com características diferentes: avaliação de sistemas educacionais, de desempenho escolar em sala de aula, de rendimento escolar com objetivo de macro análises, de programas, avaliação



institucional e auto avaliação (Gatti, 2002).

Porém, quando se fala em avaliação, remete-se ao rendimento escolar, medida da aprendizagem, conceito que se estende para o cotidiano das pessoas. Para Santos e Castilho (2016, p. 4), “a avaliação é um ato inerente ao ser humano, universal, independentemente de classe social, cor e etnia”.

Avaliar é necessário, sempre, seja por intenção pedagógica ou social com matiz de desenvolvimento formal ou informal.

A avaliação na sua relação com a aprendizagem pode ser percebida e conceituada sob dois parâmetros distintos: avaliação da aprendizagem e avaliação para a aprendizagem, ou seja:

- a) avaliação da aprendizagem é a ação pedagógica regularmente empregada em ambientes educativos, mas, nem por isso é necessariamente a mais recomendada. Trata-se de identificar se os conteúdos que compõem um tema estudado foram genericamente assimilados; e
- b) avaliação para a aprendizagem é a ação pedagógica que se ocupa em averiguar se os conteúdos que dão real sustentação qualitativa a um tema estudado foram assimilados.

Em outras palavras, pode-se entender avaliação da aprendizagem com predominância quantitativa de conteúdos que dão sustentação à composição de um tema, ao passo que avaliação para a aprendizagem vai em busca dos melhores conteúdos que sustentam um certo tema, primando pela boa qualidade pedagógica dos mesmos.

A avaliação deve ser considerada um processo dinâmico, tal como o cenário social atual, uma vez que seus elementos têm fortes influências na relação que define a intervenção do professor em sua rotina, bem como com a realidade onde se aplica. Do mesmo modo, a avaliação não pode se limitar a medição da aprendizagem do aluno, visto como um produto, modelo este que visa a formação em massa que fornece para a instituição resultados da eficiência ou não dos materiais disponibilizados.

E neste sentido, Rocha (2014, p. 2), apresentou cinco funções e a expectativa de cada uma delas no processo avaliativo:

*“1- Em processo - a visão contínua da avaliação (diagnóstica - diária, tendências,*



*previsões, decisões, ajustes);*

*2- A auto avaliação - onde estou, quem sou e para onde quero ir (de propiciar a auto compreensão);*

*3- A motivação - motivar o crescimento de que modo? Estou motivando ou desmotivando esse crescimento?*

*4- A de aprofundar a aprendizagem (a qualidade na prática avaliativa como elemento de aprofundamento da aprendizagem)*

*5- A de auxiliar a aprendizagem – descobrir as conexões da aprendizagem”.*

Nessa busca, o formador dos futuros professores, ou seja, os professores universitários das licenciaturas, precisa promover atividades metodológicas que criem parcerias com o aluno, “para que juntos transponham os obstáculos e realizem as transformações necessárias, por meio da produção do conhecimento” (Behrens, Miranda & Vidal, 2003, p. 43).

Trabalhar com avaliação diagnóstica, formativa e somativa é importante para que os formadores conheçam melhor os futuros professores, façam o planejamento do ensino, ajustando objetivos de aprendizagem às características dos alunos para ajudá-los a desenvolver seu potencial cognitivo. Por outro lado, é importante para que os alunos compreendam a forma como aprendem e como podem melhorar a própria aprendizagem.

*“a problemática da avaliação das aprendizagens é recorrente no contexto educacional e está fortemente associada às concepções de ensino e aprendizagem vigentes em cada momento, as quais se condicionam não só a incidência com que se privilegia uma ou outra função da avaliação – função diagnóstica, função formativa ou função somativa – mas também os instrumentos e as técnicas utilizados com objetivos avaliativos”.*  
(Gomes, 2010, p. 313)

Sendo a avaliação centrada no ser humano, pode-se entender a ação docente mediante dois expressivos verbos carregados de valores pedagógicos: perceber e sentir.

Sim, “perceber” e “sentir” o aluno não constitui expressão unicamente altruísta na relação docente e estudante, mas, eivada de sentimentos de valorização do ser humano em todas as suas potencialidades físicas e mentais.

O saber “perceber” o aluno não se reporta unicamente à sua presença física, mas, concebê-lo como um ser material e espiritual. Assim sendo, o estudante não representa ser apenas mais um ente entre os demais, mas figura humana a favor do

qual o professor deve velar por inteiro, física e psicologicamente.

Percebendo o estudante dessa forma, por certo o professor tende a saber lidar com o mesmo, com perspectivas de algumas vantagens como:

a) o estudante sente-se valorizado como ser humano composto de matéria e espírito, ou, melhor entendendo, como ente material e espiritual;

b) da mesma forma o professor, seja em qual área de conhecimento se enquadrar a sua formação, assumirá o compromisso de zelar pelo estudante como ser humano em sua forma material e espiritual.

Matéria e espírito são elementos complementares no ser humano, cabendo ao meio educativo entendê-lo dessa forma, valorizando-lhe as potencialidades físicas e mentais de maneira equilibrada.

Há questões particulares e específicas na formação inicial do docente a na sua futura prática dentro da educação básica, mas sempre será comum num processo avaliativo alguns questionamentos: Quais as finalidades da avaliação? O que será avaliado? Quais são os critérios de avaliação? Qual é o tempo que se dispõe para avaliação? Quais são os instrumentos adequados para a realização da avaliação? Quais aspectos devem ser avaliados? Quem deve avaliar quem? Como os resultados das avaliações serão utilizados? Criar ambiências (lugares, espaços, tempos) para o desenvolvimento de uma avaliação formativa implica, necessariamente, construir novas formas de avaliar, as quais emergem das percepções de diferentes sujeitos, métodos, instrumentos, inteligibilidades e compreensões, e das suas possibilidades de atuação, criação e intervenção.

## **Metodologia**

Para a descrição da metodologia utilizada para a realização do presente estudo, relembra-se o objetivo colocado para o trabalho, qual seja, analisar quais são, ou deveriam ser, os principais suportes para que haja uma atualização dos processos avaliativos tendo como foco a formação inicial do docente para a educação básica, tomando em consideração os aspectos do atual cenário educacional brasileiro no que condiz à formação do futuro docente da educação básica dentro da universidade.

Perante tal cenário, o trabalho está estruturado nas seguintes fases: (i) revisão bibliográfica e (ii) análise comparativa dos materiais da disciplina de avaliação educacional aplicada no curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior



localizada em Curitiba, Paraná, Brasil.

Com um campo tão específico de investigação, os eventos pensados para a estruturação desta pesquisa não são de imersão ao campo de estudo, mas sim de perspectivas em discurso. Portanto, para a realização do referencial teórico desta pesquisa foi realizada uma análise, tomando como base as publicações em âmbito *lato e scitcto sensu*, entre os anos 2014 e 2018, de uma determinada instituição de ensino superior da cidade de Curitiba, Brasil.

A Análise Comparativa de materiais didáticos utilizados na disciplina de avaliação educacional do curso de Pedagogia, da mesma instituição de ensino, aplicados nas atividades entre os anos 2014 e 2018, a fim de encontrar as temáticas que se mantiveram e as que foram atualizadas neste período no que se referisse a seguinte questão chave: o que um futuro professor tem que saber para avaliar o processo de aprendizagem de seus futuros alunos na educação básica? Importante destacar que a disciplina foi estruturada pelo mesmo docente ao longo destes anos.

Em consonância com o exposto, reconhece-se o cunho interativo da investigação comparativa em significados com base em princípios que reforçam a pertinência e a necessidade crescente atual em se ter uma postura interpretativa que ocorrem durante a formação docente a “partir do conhecimento do outro, respeitando a forma como as pessoas experienciam e interpretam o mundo social que também acabam por construir interativamente” (Almeida & Freire, 2008, p. 110).

### **Descrição e Análise dos Dados**

Por meio desta estrutura metodológica, sobressaltaram-se ao tema duas categorias na tentativa de resposta à questão colocada para análise comparativa dos materiais, sendo aqui descritas: - entre as perspectivas que forma alteradas na disciplina entre os anos de 2014 e 2018; - entre as perspectivas que continuam iguais na disciplina entre os anos de 2014 e 2018.

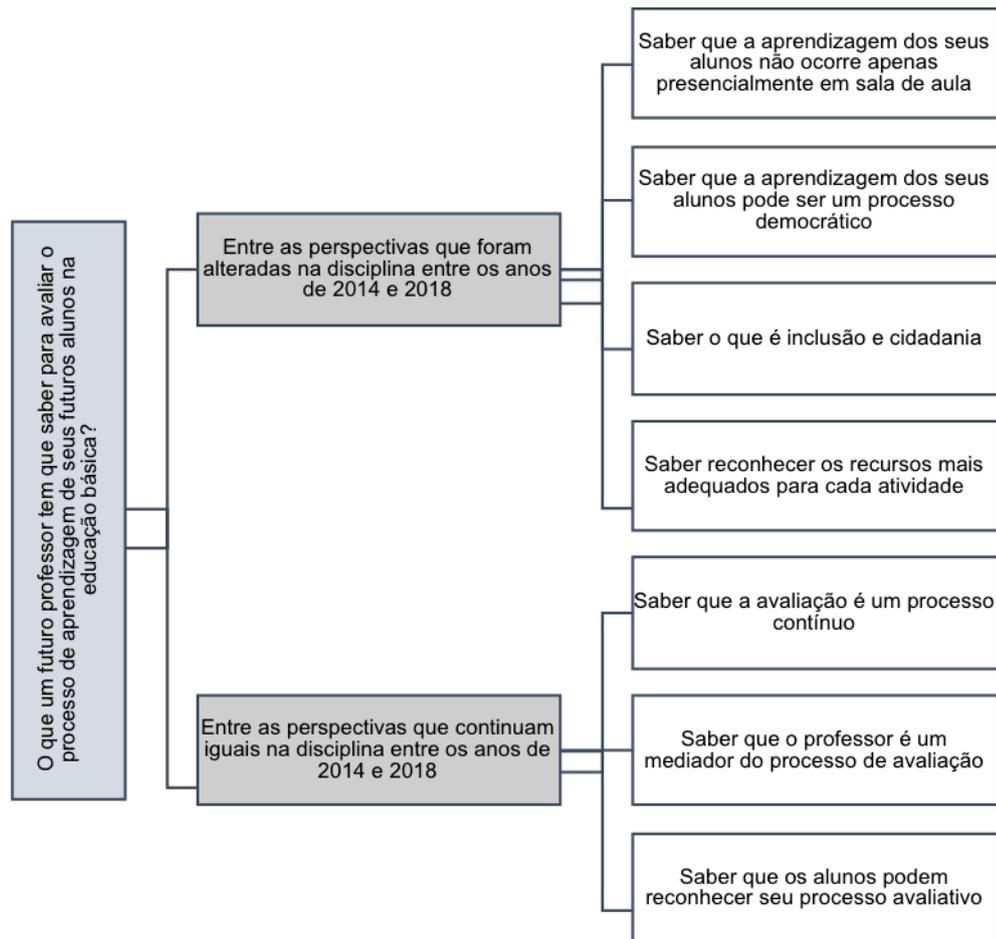


Imagem 1 – O que um futuro professor tem que saber para avaliar?

Fonte: Os autores

Entre as perspectivas alteradas na disciplina entre os anos de 2014 e 2018, os alunos enfatizam a necessidade de saber que a aprendizagem dos seus alunos não ocorre apenas presencialmente em sala de aula, afinal uma das questões que entrou na pauta da disciplina foi a questão da educação a distância que, mesmo na educação básica, tem elevado valor pedagógico por fatores essencialmente especiais no processo educativo, especificamente ao fator “distância” que na realidade brasileira pode estar envolvido ao direito de acesso homogêneo aos benefícios educativos de aprendizagem e não tem como ser burlado, de vez que pode irradiar a toda a população estudantil em iguais condições de oportunidade e qualidade. Essa condição está onde o acesso à educação é um livro aberto a todos quantos o quiserem acessar.

Assim, de fato, saber que a aprendizagem dos seus alunos pode ser um processo democrático, pois não impõe limites quanto ao número de candidatos que



dele quiserem fazer parte, como também não delimita fronteira geográfica aos seus candidatos.

Tais fatores incluídos nas descrições dos materiais analisados permitem reconhecer que a avaliação na educação básica, enquanto processo democrático, como uma das melhores oportunidades na ordem que acolhe candidatos da mais variada condição social. Não há pretensão de estabelecer posicionamentos de radicalidade exacerbada entre possíveis vantagens e aspectos de relativa discrepância na relação com a implementação de ações educativas de mediação da aprendizagem, no entanto, os materiais mostraram existir que nos últimos quatro anos houve uma preocupação em relação a avaliação como pressuposto do futuro saber o que é inclusão e cidadania nos sentidos de flexibilidade em situações de intensos compromissos sociais e familiares.

E, mesmo que o cumprimento do calendário escolar possa requerer o seu cumprimento, ainda assim existe suficiente espaço para a sua flexibilização em função dos compromissos acadêmicos, uma vez que as atividades foquem o desenvolvimento de autonomia nos estudos. E, se o futuro professor tiver a consciência de que uma vez conquistado o pré-requisito de autonomia, terá sido mais um dos legados da formação docente a ser valorizado com naturalidade na vida profissional e social.

Afinal, a avaliação é fator preponderante, uma vez que o contato direto com professores e colegas de estudo não ocorre com muita intensidade. Este fato deixa transparecer ação de efetiva inclusão social, somando-se a ele atitude democrática de acesso à educação para todos nela interessados.

A possibilidade de flexibilização pedagógica na avaliação tem sido paulatinamente atualizada ao longo de cada ano letivo, ao que se verificou nos materiais, especificamente ao projeto pedagógico ao prever que a demonstração de bons resultados exauridos dessa área da educação, quando hoje, em alguns casos, inclusive está sobrepujando em qualidade do ensino. Ora, saber organizar-se com autonomia de decisão constitui uma das máximas em nível profissional, estudantil e, porque não dizer, no dia a dia dos afazeres do ser humano.

É convicção nos meios de formação inicial docente que o professor iniciante poderá alcançar tanto maior sucesso nas suas práticas futuras, quanto maior for a sua capacidade autônoma de organização para tal.

Pois bem, saber reconhecer os recursos mais adequados para cada atividade, é

de elevada importância, pois ao longo do período estudado, viu-se que o conceito de tecnologia em prol da avaliação na educação básica é tida como componente de inestimável valor pedagógico, o qual presta apoio decisivo. A sua diversificação e atualidade se justificam na medida em que novas ações educativas exigem a sua presença com funções pertinentes.

Já entre as perspectivas que continuam iguais na disciplina, entre os anos de 2014 e 2018, estão os saberes de que a avaliação é um processo contínuo, que o futuro docente tem que estar consciente do seu papel enquanto mediador do processo de avaliação e saber que os alunos podem reconhecer seu processo avaliativo.

A partir desta perspectiva, torna-se perceptível a presença de um novo professor, que deverá saber que o aluno deve ter prazer no processo de sua aprendizagem e que a avaliação faz parte dela, de estudante deveras protagonista e que o seu futuro local de atuação, a escola básica, terá com cumprimento de objetivos renovados mediante a saber: - professor empreendedor que a avaliação aconteça de fato e da forma a mais consistente possível. A par da crescente robotização nos afazeres do dia a dia, a função docente cresce ainda mais em importância na medida que esse profissional souber se valer de tecnologia como incentivo ao estudante na criação e na organização de ideias que deem suporte à elaboração de novos conhecimentos e em dar “roupagem” nova a conhecimentos que merecem reformulação conceitual; - do aluno da educação básica como protagonista, ávido por domínio de conhecimentos dos quais ele mesmo possa vir a elaborar a partir da implementação de atividades investigativas.

Assim, foi possível verificar a intensa relevância de que se tenha um planejamento e uma revisita constante do mesmo quando o assunto são as áreas da formação do docente no século XXI. Os mesmos temas, com as constantes transformações sociais e percepções do papel da escola básica sobre elas, são efêmeros e requerem atualizações constantes. Uma instituição de formação inicial docente com plena ciência de que o seu corpo docente sabe superar métodos tradicionais de aprendizagem mediante uso de tecnologias inovadoras, dinâmicas e interativas, por certo lhe faz amadurecer a consciência de que os seus estudantes serão os maiores beneficiados com essa nova ordem de fazer educação.

Cabe aqui ressaltar que a questão sobre a inovação, bastante citada durante a revisão de literatura, foi traduzida nesta pesquisa como inovação pedagógica, para que venha ser traduzida na área de avaliação como fonte de qualidade da



aprendizagem dos alunos licenciandos, futuros professores, e de seus alunos na educação básica. No caso do entendimento de que ele é um ser inclusivo com acesso à formação de boa qualidade.

Além do mais, ele fortalece mentalmente a convicção de que terá grandes oportunidades de obter e consumir informações que lhe permitam elaboração de novos conhecimentos e de renovar conceitualmente conhecimentos que já perderam o seu real sentido.

### **Considerações**

O processo avaliativo, por mais bem pensado e elaborado que seja, está longe de desvencilhar-se do vício pedagógico que nele se instalou ao longo de repetidos anos, tornando-o praticamente sinônimo de nota.

Sabe-se ser a nota apenas uma referência aproximada do desempenho do estudante, mesmo assim o seu valor sentimental a faz muitas vezes prosperar sobre a avaliação como processo. Academicamente falando, torna-se até deprimente que educadores com formação docente se permitam em seus ambientes escolares que a nota ainda continue prosperando como parâmetro para a demonstração do nível de desempenho do estudante. Em parte, tal desmando pedagógico vai prosperando nos cursos de formação docente que pululam em todos os quadrantes da nação, por conta dos próprios formadores dos formandos que também conviveram com essa “peripécia” acadêmica. Aqui não se está pregando apologia deliberada em oposição à nota, mas, tentando inseri-la no espaço pedagógico que lhe convém enquanto ela continuar presente nos meios escolares. Na medida em que a avaliação for sendo concebida e trabalhada como fonte privilegiada de aprendizagem, aos poucos, por certo, a nota também vai perdendo a sua área de parâmetro de desempenho.

É convicção que a avaliação como pressuposto de formação inicial do futuro docente da educação básica continue a prosperar a passos largos, vislumbrando novas oportunidades de se firmar como útil a quem lhe depositar amadurecida confiança, como: contribuir com aumento do universo de pessoas incluídas nos diferentes níveis escolares; aumentar oportunidades de formação continuada deste futuro professor e que esta seja de forma contextualizada; zelar por permanente melhoria da sua própria qualidade na condição do que significa aprender; intensificar contribuição solidária de aprendizagem ao possibilitar acesso à qualidade igualitária onde quer que haja alunos da educação básica, em quaisquer cenários da educação



básica no Brasil, sejam ribeirinhas, quilombolas, urbanas, rurais ou indígenas; contribuir mediante apoio metodológico, didático e tecnológico a partir da aprendizagem dos futuros professores.

A prática de avaliação qualitativa não constitui privilégio à formação do docente, mas, preferencialmente ao do seu futuro trabalho na educação básica, ainda que se preste por excelência à implementação desse serviço com boa flexibilidade de ação, própria do que significa qualidade da aprendizagem nestes dois níveis.

Possivelmente convém apontar e argumentar algumas das razões que possam basilar a avaliação como fonte do inovar pedagógico ao futuro da educação de qualidade: autonomia como predicado que deve acompanhar o ser humano nos afazeres do dia a dia ao longo de toda a sua existência. No entanto, quando a avaliação toma caráter de imprescindibilidade, em especial pelo fato do futuro professor da educação básica entender que a organização e planejamento são fatores essenciais; tecnologia como aporte pedagógico, dificilmente ficarão a descoberto de necessário apoio pedagógico, uma vez que as novas tecnologias que vão se sucedendo já vem qualificadas com esse teor para tal fim; flexibilidade de decisão e de ação, pela ampla possibilidade de flexibilização quando constatado o necessário reordenamento de ações de cunho educativo. Tal singularidade objetiva de ação confere elevado grau de credibilidade aos propósitos pedagógicos inerentes ao processo de avaliação.

E, finalmente, foi possível verificar que a avaliação por si só representa insuperável componente pedagógico em seu objetivo de prestar orientação à aprendizagem. No entanto, quando a avaliação se torna simultaneamente aliada de componente tecnológico, cumpre com justificados motivos ação prazerosa ao prestar orientação a uma aprendizagem que garanta sustentação de boa qualidade ao desempenho do estudante.

A predicação prazerosa devotada à avaliação durante a formação inicial do docente justifica-se de todo pelo fato de a palavra orientação por si só sugerir atitude afetuosa na relação com a aprendizagem. Melhor dizendo, a avaliação cumpre de maneira afetuosa o trabalho de orientação à aprendizagem.

Ainda viu-se que os exemplos citados nos materiais de apoio durante quatro anos da licenciatura analisada, sugerem atitude afetuosa e prazerosa por parte da avaliação quando procura identificar a quantas anda a aprendizagem do futuro professor, bem como de seus futuros alunos, na relação com o seu desempenho,



como: avaliar com senso de justiça, afinal a intenção em pretender associar a ação de avaliar a senso de justiça por si só revela vontade real de valorizar o empenho e o desempenho do ser humano, o que denota atitude prazerosa e mesmo afetuosa. Na medida em que se estabelece de fato a ligação entre a intenção de avaliar e senso de justiça, faz-se necessariamente presente sentimento de boa vontade afetuosa e prazerosa na relação com o estudante; avaliar é perceber e dar valor, pois todo ser humano é detentor de valores culturais de ordem moral e cultural inerentes à formação de sua natureza humana.

Assim sendo, cabe, em princípio, aos familiares e educadores o reconhecimento e a prestação de estima a tais valores. Tais valores representam efetiva influência na ordem comportamental, na maneira de pensar, de refletir e de perceber o mundo. Ainda que não sejam necessariamente decisivos no apontamento direcional da conduta do ser humano, os valores assimilados representam um certo norte, sim, a partir do qual a vida poderá ser encaminhada por livre arbítrio; avaliar é reconhecer competência, capacidade e habilidade. Estas três variáveis educativas vêm sofrendo interpretação diversa quanto à sua concepção e uso mundo afora, no entanto, este autor as tem em grande importância formativa a partir do conceito pedagógico que lhes confere na relação com a avaliação da aprendizagem e de desempenho.

É fato que tais variáveis avaliativas influenciam fortemente com a sua representação conceitual o estudante de forma direta, mas, também, o educador, indiretamente, como responsável maior pela aprendizagem. E, assim, a competência compreende domínio de um conjunto de conhecimentos adquiridos em ambiente educativo e social pelo estudante. No entanto, tal fato não lhe confere suficiente garantia de que possa ser considerado bom estudante, pois não lhe basta dominar muitos conhecimentos se não souber relacioná-los entre si e aplica-los.

É neste momento que surge a variável capacidade, a partir da qual o estudante é instigado a tentar aplicar e a levar os muitos conhecimentos que estão sob o seu domínio a “dialogarem”, com intuito de estabelecerem boa relação pedagógica entre si. Todavia, tal fato ainda não é de todo suficiente para um estudante competente e capaz, que intervém a variável educativa habilidade, cuja característica mais contundente é a aplicação prática de forma criativa dos conhecimentos pelo estudante.

Tem lugar comum em meio educativo e social a expressão: avaliar o aluno é avaliar o professor. Tal expressão caracteriza fundo pedagógico de grande relevância,



pelo fato de se estabelecer entre educador e educando compromisso de protagonismo solidário na conquista de educação de indispensável boa qualidade.

Ainda que não seja sempre de toda verdadeira a expressão popular “tal pai, tal filho”, do mesmo modo nem sempre corresponde à plena verdade o sentido da expressão igualmente de origem popular: avaliar o estudante é avaliar o professor.

Pois bem, transformar potência em ato é expressão que pode ser associada a um dos objetivos da docência, em que o professor apoia o seu aluno na descoberta de potencialidades (potência) que ainda lhe são bastante obscuras, mas, que, ao mesmo tempo, lhe viabilizam bom desempenho (ato) acadêmico.

### Referências Bibliográficas

- Almeida, L. & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. 5 ed. Braga: Psquilibrios.
- Behrens, M., Miranda, S. & Vidal, E. (2003). *Docência universitária na sociedade do conhecimento*. Curitiba: Champagnat.
- Both, I. (2012). *Avaliação: “voz da consciência” da aprendizagem*. Curitiba: InterSaberes.
- Cappelletti, I. (2007). Avaliação a serviço da aprendizagem: um inédito viável. In *Avaliação da aprendizagem: discussão de caminhos* (pp. 41-56). São Paulo: Editora Articulação Universidade/Escola..
- Esteves, M. (2010). Sentidos da inovação pedagógica no Ensino Superior. In C. Leite (Org.). *Sentidos da Pedagogia no Ensino Superior* (pp. 45-61). Porto: CIIIE/Livpsiv..
- Galvão, C., Ponte, J. P., Jonis, M., Faria, C., Chagas, I., Kullberg, C. & Henriques, A. (2018). *Práticas de formação inicial de professores: Participantes e dinâmicas*. Lisboa: Instituto de Educação, Universidade de Lisboa.
- Gatti, B. (2002). A produção da pesquisa em educação no Brasil e suas implicações. In B. Gatti (Org.), *A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil* (pp. 09-40). Brasília: Plano Editora.
- Gomes, M. (2010). Problemáticas da avaliação em educação online. In M. Silva, L. Pesce & A. Zuin (Orgs.). *Educação Online: cenário, formação e questões didático-pedagógicas* (pp. 309-336). Rio de Janeiro: Wak Ed.
- Leite, C. & Zabalza, M. (2012). *Ensino Superior: inovação e qualidade na docência*. Porto: Centro de Investigação e Intervenção Educativa.



- Luckesi, C. (1998). *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez.
- OCDE. (2006). *Professores são importantes. Atraindo, desenvolvendo e retendo professores eficazes*. São Paulo: Moderna.
- Rocha, E. (2014). Avaliação na EAD: estamos preparados para avaliar? ANAIS do Congresso 20º CIAED. Curitiba: Associação Brasileira de Educação a Distância.
- Santos, U. & Castilho, V. (2016). Avaliação da aprendizagem em cursos de licenciaturas: o que dizem os alunos formados. *Revista Educação em Debate*, 38(66-71), 57-69.
- Scriven, M. (2003). Evaluation theory and metatheory. In T. Kellaghan & D. Stufflebeam (Ed.). *International handbook of educational evaluation* (pp. 15-30). Dordrecht: Kluwer.
- Stufflebeam, D. (2000). Foundational models for 21st century program evaluation. In D. Stufflebeam, G. Madaus & T. Kellaghan (Ed.). *Evaluation models: viewpoints on educational and human services evaluation* (pp. 33-83). Dordrecht: Kluwer.
- UNESCO (2011). *ICT competency framework for teacher*. UNESCO and Microsoft.
- Valadares, J. & Moreira, M. (2009). *A teoria da aprendizagem significativa: sua fundamentação e implementação*. Coimbra: Almedina.
- Wunsch, L. (2013). Formação inicial de professores do ensino básico e secundário: integração das tecnologias da informação e comunicação nos mestrados em ensino. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Wunsch, L. & Fernandes Junior, A. (2018). *Tecnologias na educação: conceitos e práticas*. Curitiba: Intersaberes.